

# DEUS NÃO VAI EMBORA

Combate ao Neoateísmo

O FASCÍNIO DO NOVO ATEÍSMO COM A RACIONALIDADE  
O LEVOU A SUBESTIMAR O ANSEIO HUMANO PELA ADORAÇÃO

Alister McGrath



*Deus não vai embora* de Alister McGrath © 2018 Editora Cultura Cristã. Título em inglês *Why God won't go away* by Alister McGrath. Copyright © 2011 by Alister McGrath. Publicado por Society for Promoting Christian Knowledge -- 36 Causton Street, Londres SW1P 4ST (www.spckpublishing.co.uk). Esta edição foi publicada mediante acordo com a SPCK. Todos os direitos são reservados.

1ª edição 2018 – 3.000 exemplares

<b>Conselho Editorial</b>	<b>Produção Editorial</b>
Antônio Coine	<i>Tradução</i>
Carlos Henrique Machado	Rubens Thomaz de Aquino
Cláudio Marra ( <i>Presidente</i> )	<i>Revisão</i>
Filipe Fontes	Paulo Arantes
Heber Carlos de Campos Jr	Mari Kumagai
Marcos André Marques	Edilene Martins
Misael Batista do Nascimento	<i>Editoração</i>
Tarcízio José de Freitas Carvalho	Ponto e linha
	<i>Capa</i>
	Magno Paganelli

---

M478de McGrath, Alister  
Deus não vai embora / Alister McGrath; traduzido por Rubens Thomaz de Aquino. São Paulo: Cultura Cristã, 2018  
144 p.

Tradução *Why God won't go away*

ISBN 978-85-7622-661-1

1. Apologética 2. Evangelização I.Título

CDU 27-285.2

---

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a *Confissão de Fé de Westminster* e seus catecismos, o *Maior* e o *Breve*. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP  
Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099 – Fax (11) 3209-1255  
www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

*Para Bruce e Phyllis Beard*



# Sumário

Introdução

**7**

Parte 1

**O QUE É O NEOATEÍSMO?**

**10**

- 1* O Neoteísmo: como tudo começou **11**
- 2* O que há de “novo” sobre o Neoteísmo? **35**

Parte 2

**COMBATENDO O NEOATEÍSMO: TRÊS TEMAS CENTRAIS**

**55**

- 3* Quando a religião dá errado: violência **56**
- 4* Razão: a racionalidade das crenças **72**
- 5* Uma questão de prova: ciência **92**

Parte 3

**PARA ONDE VAI O NEOATEÍSMO A PARTIR DAQUI?**

**111**

- 6* Onde está o Neoteísmo agora? **112**
- 7* Deus não vai embora: além do Neoteísmo **118**

Notas

**122**

Leituras adicionais

**139**



## Introdução

**E**m setembro de 2001, uma série de ataques suicidas coordenados foi lançada contra alvos nos Estados Unidos da América – eventos que agora são mencionados simplesmente como “11 de setembro”. Dos quatro aviões sequestrados pelos terroristas islâmicos, três foram jogados contra os principais pontos de referência em Nova York e Washington, causando considerável perda de vidas. O impacto desses ataques foi enorme, refletindo uma percepção generalizada de que o mundo havia mudado irreversivelmente. A “guerra contra o terror” tornou-se o tema dominante da presidência de George W. Bush, e os Estados Unidos e seus aliados se envolveram em conflitos no Iraque e no Afeganistão. A ansiedade pública acerca das consequências mortais do fanatismo religioso alcançou novos níveis.

Na opinião de muitos, este último ponto é de fundamental importância para entender o surgimento súbito, na primeira década do século 21, do movimento hoje conhecido como o Neoateísmo.<sup>1</sup> Alguns escritores ateus, como Richard Dawkins, vinham argumentando durante anos que a religião era irracional e perigosa, sem obter muito progresso. Subitamente, esses argumentos

ateístas pareceram atraentes e culturalmente plausíveis. Tinha-se de atribuir a alguém ou a alguma coisa a culpa pelo 11 de setembro, e o fanatismo religioso islâmico era uma possibilidade óbvia. Na intensidade da fúria contra esse ultraje, “o fanatismo religioso islâmico” foi simplificado – primeiro a “fanatismo religioso” e, em seguida, simplesmente a “religião”.

Dawkins desempenharia um papel central nessa mudança no ambiente cultural nos círculos liberais ocidentais, pois o 11 de setembro confirmou tudo o que sempre acreditou: a religião era perigosa precisamente porque era irracional, por outro lado, quando não conseguiu vencer pela argumentação, recorreu ao terror. Quatro dias após o ataque, Dawkins escreveu: “Encher o mundo com religião, ou religiões do tipo abraâmico, é como encher as ruas com armas carregadas. Não se surpreenda se elas forem usadas”<sup>2</sup>.

Muitos consideraram esses comentários como ridiculamente simplistas. Outros, no entanto, viram Dawkins como um pensador ousado disposto a dizer a verdade. A religião é perigosa. Não é algo para ser respeitado, mas temido – e sempre que possível neutralizado. A religião é uma bomba-relógio prestes a explodir; como uma arma carregada esperando para matar as pessoas. Como Christopher Hitchens colocou a questão alguns anos mais tarde, com uma economia verbal igualada apenas por sua intensidade emocional: “A religião mata.” O ataque de 11 de setembro acabou se tornando a plataforma de lançamento intelectual e moral do Neoateísmo.

Se o Neoateísmo pretendia introduzir um debate acerca da religião em curso, certamente foi bem-sucedido. De repente, todos queriam falar sobre Deus. Eu e muitos outros acolhemos bem esse debate. O Neoateísmo levantou questões de fundamental importância, como a racionalidade da fé, a relação entre a religião e a ciência, as possíveis ligações entre fé e violência, e o lugar da religião na sociedade ocidental. Por muitos anos esses assuntos



foram vistos como desinteressantes e irrelevantes. Porém agora não. Teve início um diálogo muito interessante, e estou certo de que o Neoateísmo não se importará que outros se juntem e levem a discussão mais além. Há muito mais que precisa ser dito.

Por quê? Porque Deus simplesmente não vai embora. No Reino Unido, a influente revista *The Economist*, que disse: “Estamos tão confiantes acerca da morte do Todo Poderoso que publicamos seu obituário em nossa edição do milênio”, de forma inconveniente viu-se obrigada a publicar uma correção em 2007. A religião está de volta na vida e no debate públicos. Muitos já perguntam se o Neoateísmo em si começa a parecer e soar um tanto obsoleto e cansado, repetindo velhos argumentos revestidos como se fossem novos e radicais.

Este livro combate as ideias do Neoateísmo, especialmente como as encontramos apresentadas nas obras de seus quatro principais representantes: Richard Dawkins, Daniel Dennett, Sam Harris e Christopher Hitchens. Porém, é importante não limitar nossa discussão a esses quatro pensadores. Uma das características mais distintivas do Neoateísmo é a das “comunidades virtuais” que ele tem gerado. Como suas ideias são defendidas e propagadas por meio de *websites* e *blogs*? Como isso nos ajuda a entender as agendas e preocupações do movimento, e seu apelo à sociedade como um todo?

Retornaremos a essas questões no devido tempo. Primeiramente, vamos mapear a ascensão à notoriedade do Neoateísmo, e tentar identificar suas características distintivas.

## **PARTE 1**

# O QUE É O NEOATEÍSMO?

## O Neoateísmo: como tudo começou

O termo Neoateísmo foi criado em 2006. Gary Wolf estava escrevendo um artigo para a *Wired*, uma revista britânica destinada a “pessoas inteligentes, intelectualmente curiosas, que precisam e desejam saber o que virá em seguida”. Ele procurava um *slogan* rápido para se referir a um grupo de três homens que chamavam a atenção da mídia por meio de *best-sellers* populares, que defendiam o ateísmo: Sam Harris com *The End of Faith* (2004), Richard Dawkins com *The God Delusion* (2006) e Daniel Dennett com *Breaking the Spell* (2006). Os autores já estavam ligados por meio de uma série de grupos, especialmente a rede “edge.org” de John Brockman<sup>1</sup>, que descreve seu propósito como “chegar ao limite do conhecimento do mundo, buscar as mentes mais complexas e sofisticadas, reuni-las numa sala, e tê-las perguntando umas às outras as questões que fazem a si mesmas”. Gary Wolf topou por acaso com a expressão “Neoateísmo” para designar a abordagem de Dawkins, Harris e Dennett – uma defesa entusiasta do ateísmo e uma crítica mordaz da crença religiosa, bem como do respeito cultural pela religião.<sup>2</sup>

Em 2007 o movimento ganhou um novo herói, quando *God Is Not Great*, de Christopher Hitchens, tornou-se o mais recente *best-seller* ateu. A frase “os Quatro Cavaleiros” começou a ser usada para se referir a esses escritores, os quais rapidamente assumiram o *status* de celebridade e agora são identificados coletivamente como os cabeças intelectuais e culturais do Neoteísmo.<sup>3</sup>

Porém, quem são eles? De onde vieram? Quais são as suas agendas? Antes de nos envolvermos com as ideias centrais do Neoteísmo em detalhes, é sensato saber mais sobre seus quatro principais protagonistas e sobre as abordagens que desenvolvem em seus livros. Começaremos considerando Sam Harris (nascido em 1967), cujo livro *The End of Faith* é amplamente considerado a preparação do terreno para as obras posteriores, muito mais significativas, de Dawkins e Hitchens.

### Sam Harris

Em *The End of Faith* (2004), o autor americano, até então desconhecido, elaborou um poderoso ataque retórico à religião, considerando-a como a principal causa da catástrofe de 11 de setembro. O livro está cheio de ira. Como pode tal ultraje ocorrer numa nação racional como os Estados Unidos? O que a persistência da religião nesse lugar nos fala sobre o estado da mente humana? O que pode ser feito para limpar a nação da perigosa ilusão de que há um Deus?

Embora admitindo que o islamismo militante deve ser reconhecido como a causa imediata do 11 de setembro, Harris é, no entanto, rigoroso com o islamismo como um todo: “Não é que estejamos meramente em guerra com uma religião habitualmente pacífica, que foi “sequestrada” por extremistas. Estamos em guerra precisamente com a visão de vida que é prescrita para todos os muçulmanos”. Porém o cristianismo e o judaísmo, ele crê, também são responsáveis por esse desastre, porque o problema jaz